

A PERSPECTIVA DA ANTROPOLOGIA DO CONSUMO NO MUNDO DOS CATADORES EM PELOTAS/RS

ANDRÉ LUIZ ALVES BONIFÁCIO¹; CLAUDIA TURRA MAGNI²

¹ Universidade Federal de Pelotas – andrebonifacio89@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - clauturra@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Com o advento da chamada era da globalização, uma das principais características do fenômeno da sociedade do consumo foi propiciar um fluxo cada vez mais intenso de trocas e de circulação de bens e coisas. Essa lógica das situações dos bens e mercadorias proporcionou uma dinâmica ao evento, lapidando uma relação entre homens e coisas na constante entre disponibilizados e descartados, assegurando, ainda que de certa forma, a viabilidade da roda do consumo na circularidade produtos e bens. Seguindo ainda dentro desta perspectiva lógica, esse andamento obrigatoriamente tem gerado um enorme volume de coisas materiais descartadas, da qual nomeamos de resíduos ou lixo. O fato dessa característica do consumo estar vinculado bem próximo as regularidades do sistema econômico predominante, não nos responde muitas coisas sobre a preocupação cada vez mais latente que envolve o lixo e seus processos, muito menos dos sujeitos que operam/trabalham com o descarte, na verdade nos deixa com cada vez mais perguntas sobre essa temática.

No sentido da assertiva de Mary Douglas “o consumo é um processo ativo em que todas as categorias sociais estão sendo continuamente redefinidas” (DOUGLAS, M; ISHERWOOD, B, 2004), chamo para o centro das discussões o debate de cunho antropológico contemporâneo, para debruçar em conhecer os sujeitos que se ocupam nas ações de coleta dos resíduos. E esse consumo compreendido como um processo social dinâmico e plural, elaborador de significados simbólicos e identidades que nos auxiliam na compreensão e no ordenamento do mundo a nossa volta (DOUGLAS, M; ISHERWOOD, B, 2004).

A abundância do lixo é uma realidade que vêm se tornado motivo de preocupação social nos últimos tempos, principalmente em um debate já conhecido na arena ligada diretamente ao fenômeno de urbanização e consumo, revelando o quanto essa discussão é e será importante. Neste percurso entre descarte e coleta, as coisas configuradas em aspecto de lixo passam a ser elemento de ação de outros personagens: os catadores. Representantes de uma categoria múltipla – catadores autônomos; catadores cooperativados – os catadores são os atores sociais que operam suas vidas no projeto de ressignificação das coisas que já não serve mais para outrem, prolongando assim uma nova existência para vida social das coisas. São eles que driblam a sensibilidade negativa sobre o lixo, superam as outras adversidades da vida sofrida e realizam um trabalho de limpeza dos espaços públicos antes mesmo que a imagem dos resíduos alcancem nossos olhos, mais ainda, são eles, preocupados e operando nesse âmbito na sociedade, com o viés do seu trabalho, minimizam as consequências ambientais nas ações conscientes que se desenvolvem como forma de práticas políticas e ecológicas. O catador, muitas vezes relegados à marginalidade e a liminaridade, uma figura estigmatizada (GOFFMAN, 1988) pela sua condição de catador de material reciclável, expressa

o papel de agente nas inquietações sobre o impacto ambiental que podem servir como o diálogo para o futuro.

2. METODOLOGIA

Alcançar tamanha complexidade metodológica exige do pesquisador tempo e imersão em pesquisa de campo. Para tal empreendimento dentro do espaço urbano chamo a atenção, como recurso metodológico, para a observação flutuante (PETONNET, 2008), realizado nos primeiros contatos com os sujeitos. Em especial esse desenvolvimento metodológico percebe a urbanidade como um cenário em movimento, na qual se propõe deixar “levar-se” pelo fluxo, sem se preocupar à priori com problemas teóricos, ou seja, “consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la ‘flutuar’ de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem a priori, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes” (PETONNET, 2008). O exercício dessa metodologia foi essencial na pesquisa, pois alçou para este pesquisador até agora a percepção de múltiplos sujeitos e identidades que trabalham/operam com o universo da catação em contextos distintos e que serão contemplados com mais complexidade em um futuro trabalho de conclusão de curso.

Em todo trabalho etnográfico é importante situar os sujeitos em seus movimentos contextuais, inclusive observando o recorte em campo multissituado (MARCUS, 1995). A pesquisa se fixa na observação participante e nas técnicas de ouvir, observar e escrever (MALINOWSKI, 1976/CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006), acompanhado do diário com descrições densas (GUERTZ, 1989) e entrevistas não diretas sobre as práticas de trabalho, do saber-fazer, dos acontecimentos, que aos poucos na relação entre sujeitos e pesquisador, revelará, no caminho do ponto de vista do outro, as representações sociais do cotidiano dos catadores de material reciclável e suas definições de identidade, ideologias valorizando sempre a perspectiva no encontro com o outro. Nesse sentido a síntese tem a aspiração de elaborar um retrato capaz de compreender a situação local no global – e vice-versa também.

Procurei entender o consumo dentro da ordem simbólica, que atua mediado pelo sistema de significação, onde a expressão da relação entre pessoas e coisas evidencia e dialoga com categorias culturais socialmente construídas dentro de um espectro que faz sentido aos sujeitos contextualizados culturalmente (GUERTZ, 1989). Esse movimento metodológico inicial adquiriu importância para não cair nas estereotipações reducionistas típicas de um olhar hedonista (consumo como forma de prazer); olhar moralista (consumo condenado ao utilitarismo, alienação, fugaz); olhar naturalista (consumo como forma de necessidade biológica e ou psicológica) tão presentes em generalizações superficiais e pré-julgamentos (ROCHA, 2004) ou mesmo relegar ao esquecimento típicos das posições clássicas e antigas das ciências sociais.

Questões éticas, baseadas primeiramente no respeito e bom senso para com os sujeitos de pesquisa são questões intrínsecas ao fazer antropológico e balizam a nossa forma de produzir conhecimento (CLIFFORD, 1998).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas primeiras idas a campo já podemos descrever, ainda brevemente, os contextos observados. O contexto da cooperativa dos catadores de material

reciclável CRIAS-BGV (Cooperativa de Reciclagem, Integração e Ação Social) administrada pelo seu presidente o catador Giovane Lessa e sócio cooperados, situa-se no bairro Getúlio Vargas, Zona Norte do município de Pelotas/RS. No bairro do galpão da CRIAS-BGV é bem afastado do centro da cidade – tomando ônibus circular dão em torno 30 minutos saindo do centro – considerado pelo senso comum um bairro “perigoso”, o que leva a crer na generalização de um olhar para marginalização do bairro e das pessoas que ali vivem. O trabalho dentro do ambiente da cooperativa tem seus padrões organizacionais e administrativos bem delimitados, próximo à ideia da economia solidária. Sua área externa também está em um nível de organização que reflete uma logística própria em consonância à disposição dos materiais em volta do galpão, na qual estão selecionados e separados de acordo com a sistematização própria da cooperativa, que concentra seus esforços na catação somente bairro Getúlio Vargas e adjacências. O assunto do trabalho coletivo tendo como foco o bairro em questão reflete, de acordo com os sujeitos, um esquema de autogestão que transcende exclusivamente o caráter econômico, pois prioriza uma ação social desses sujeitos envolvidos dentro do próprio bairro, onde trabalhando na catação de materiais recicláveis, seja ele em porta em porta das casas ou nos “pontos viciados” (local/terrenos aberto onde moradores despejam entulho sabendo que ali é um lugar de recolhimento). Esses atores cooperativados procuram alargar diretamente uma compreensão da catação/catadores para um espectro de consciência social, ambiental e principalmente política, através do seu trabalho também como prática política. O contexto do catador autônomo – aquele não cooperativado – é em termos maior, pois agem de forma independente, seguindo no fluxo da cidade de acordo com as disposições dos lixos, sejam nas ruas, nas calçadas ou nas lixeiras, na qual processam o seu trabalho na liberdade de eleger aonde/quando/como pegarão o resíduo descartável, possuindo uma lógica cartografia própria dispersa um roteiro permeado pela itinerância. Suas bases têm princípios e lógicas próprias e individuais, diferentes de qualquer padrão imposto por qualquer coletivo. Já o trabalho, ou melhor dizendo, para outro caso, o ofício do catador de materiais reciclável/lixo, pelo que tenho observado, também se desenrola por viés artístico atendo à demandas totalmente distintas das formas, produzindo arte do lixo. Em todos os casos citados, observei semelhanças estruturais que dialogam com o contexto global e que, com adensamento e profundidade da pesquisa, serão mais bem desenvolvidas.

4. CONCLUSÕES

Nessa busca pelas identidades, a revisão bibliográfica do tema da antropologia do consumo se faz extremamente importante, para entender a relação consumo de acordo com os sujeitos, seus significados e como se dá as mediações nas relações (BARBOSA, 2007). Esse sentido abre um campo de percepção da cultura material na subjetividade humana, onde o consumo articula-se com várias dimensões, onde poderei futuramente inclusive navegar na agência do objeto e das mercadorias, onde o objeto/coisas não está apenas relegado na sua categorização simbólica, ele tem uma ação que se constrói na relação (APPADURAI, 2007).

Atenção nos discursos também é imprescindível, pois eles podem nortear conscientização sobre o lixo e políticas ecológicas – à ex: mudanças de comportamento a nível pedagógico; de prática como os 3R's (Reduzir, Reutilizar, Reciclar); fator inter-relacional entre produção/consumo/descarte. O olhar institucional, voltado para setor privado e público, poderá ser contemplado

posteriormente, pois essas alas burocráticas vêm apostando e se rearranjando para novos processos e tecnologias de tratamento do descarte priorizando também o nível econômico e as atuais mudanças propostas pelo novo PNRS (Plano Nacional de Resíduos Sólidos). Por fim, fica revelador que reciclagem é uma bandeira de luta de muitos ativistas - principalmente do MNRC (Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclável) - do meio ambiente que buscam contar com a responsabilidade e reciprocidade entre todos os diferentes sujeitos. Nesse sentido, termos ainda desconhecidos como responsabilidade compartilhada (que sinaliza o compromisso que vinculará o Estado, empresas e consumidor na separação e destinação correta do lixo), poluidor-pagador, logística reversa (estrutura que buscará lógicas para recolhimento e reciclagem dos produtos no pós-consumo), entrará na nossa vivência em sociedade com o intuito de fazer parte do cotidiano dos brasileiros propondo então uma nova era na nossa relação com lixo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989 (1973).
- GOFFMAN, Ervin. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada, Brasil: Zahar Editores, 1980.
- MAUSS. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo Cosac Naify, 2011.
- APPADURAI, Arjun. Introdução: Mercadorias e a política de valor. In: *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: EDUFF, 2008.
- BARBOSA, Lívia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas Ciências Sociais contemporâneas. In: _____ (Org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2007. (p.21-44)
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2006. (pp. 17-35).
- CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- DAMATTA, Roberto. "O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blue" In: NUNES, Edson de Oliveira (Organizador). **A Aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. Os usos dos bens. In: **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004. (p.101-118).
- MALINOWSKI, B. Introdução. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, Pensadores, Atica, 1976. (pp. 17-34).
- PETONNET, Colette. A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. In: **Antropolítica**, n. 25, 2008. (pp. 99-111).
- ROCHA, Everardo. Os bens como cultura: Mary Douglas e a Antropologia do Consumo. In: DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004. (p.7-18)
- NATIONAL GEOGRAPHIC **Edição Especial: Lixo** Brasil: Abril, Ed. 165ª, 2014.
- MARCUS, George E. "Ethnography in/of the world system: the emergence of Multi-Sited Ethnography", In: Annual. Rev. **Anthropology**., n. 24, 1995b